

MEMÓRIA E PROSPECTIVA

NÓTULA SOBRE OS OITENTA ANOS DE ENSINO DA FILOSOFIA NA FACULDADE DE LETRAS DE LISBOA

Ao iniciar-se, com o presente número, a publicação da revista do Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, vêm certamente a propósito algumas palavras evocativas da passagem dos oitenta anos de ensino da Filosofia na nossa Faculdade.

Fundada em 1911, no contexto da reforma republicana (Decreto com força de lei de 9 de Maio de 1911), a Faculdade de Letras de Lisboa é herdeira do Curso Superior de Letras, criado pela clarividência do jovem Rei D. Pedro V. Era intenção do novo Curso repor a dignidade dos estudos filosóficos, filológicos e históricos, reabilitando, no que à Filosofia se refere, uma tradição interrompida pela reforma pombalina da Universidade de Coimbra de 1772, ao reduzir praticamente o ensino da Filosofia ao estudo das Ciências Naturais, e pela carta régia de 24 de Janeiro de 1791, ao banir do *curriculum* universitário as disciplinas de Filosofia Racional e Moral, que, não obstante, a reforma pombalina preservara.

Neste âmbito, mercê dos particulares condicionalismos da história pátria na segunda metade do século passado, é sabido o modo como o positivismo cedo alcançou particular audiência entre nós, com as inevitáveis consequências ao nível do ensino da Filosofia.

Determinava-se, assim, por definição, um marcado alheamento perante temáticas de natureza ontológica e metafísica, com continuidade em períodos ulteriores, já com a Faculdade instituída. Aí se enquadra o esforço desenvolvido por lentes como Teófilo Braga e Silva Teles no sentido de imprimir uma orientação sociológica ao ensino ministrado no Curso, traduzindo a importância que a "física social" adquirira no seio da filosofia positivista.

De qualquer forma, desde a sua criação e até à reforma republicana de 1911, o ensino da Filosofia não conhecia um espaço autónomo, encontrando-se as disciplinas filosóficas irmanadas com as de temática histórica e filológica, traduzindo uma orientação mais marcada por propósitos de cultura geral e não tanto pela intenção de uma sistematização aprofundada, que ao presente vigora.

É o que se verifica tanto no plano de estudos inicial do Curso Superior de Letras, onde a Filosofia se encontra lado a lado com a "História Pátria e Nacional" a "Literatura Latina e Grega...", "Literatura Moderna da Europa e especialmente Literatura Portuguesa", e ainda a "História Universal Filosófica", como também com a reforma de Jaime Moniz, em 1901, que, ao estabelecer quatro secções dentro do Curso (curso geral; curso de habilitação para o magistério; curso de bibliotecário arquivista; curso diplomático), inclui a Filosofia no âmbito do "curso geral", ao lado da Geografia, da História, da Literatura e da Filologia.

Será somente com a criação da Faculdade de Letras, fruto da particular atenção que o ensino superior mereceu, tal como o ensino primário, ao regime republicano, que a Filosofia é incluída numa secção autónoma – o 6º Grupo de Filosofia, constituído pelas seguintes cadeiras:

Filosofia (Psicologia, Lógica e Moral)
 História da Filosofia Antiga, Medieval e Moderna
 Psicologia Experimental
 Estética e História da Arte

A referida autonomia perde-se de novo com a reforma de 1926, ao fundir-se, numa mesma secção, a História e a Filosofia, sem que, no entanto, se possa considerar que tal situação traduzisse uma regressão evidente. Com efeito, como refere Francisco da Gama Caeiro¹ o curso de Filosofia mantinha-se, desde o primeiro plano de estudos, com a reforma de 1911, fiel a um cunho historicizante e de cultura geral que a nova situação de amálgama disciplinar vinha, afinal, reconhecer. Como é sabido, apenas com a reforma de 1957 as duas áreas do saber virão a reencontrar a sua autonomia própria no plano dos *curricula* da Universidade portuguesa.

Vale no entanto a pena seguir os elencos disciplinares de duas reformas ulteriores a 1911, pois são de molde a revelar qual a orientação proposta aos estudos filosóficos, nomeadamente no que diz respeito à particular fortuna da Psicologia Experimental, amplamente cultivada por mestres como Mattos Romão e Artur Moreira de Sá. Referimo-nos às reformas de 1918 e de 1930.

Na primeira, o 5º Grupo – Ciências Filosóficas, inclui as disciplinas seguintes:

1 Francisco da Gama Caeiro, *Da Filosofia na Faculdade de Letras de Lisboa*, separata da "Revista da Faculdade de Letras", Lisboa, 1983, p. 20.

Psicologia Geral, Lógica e Moral (cadeira bienal)
História da Filosofia Antiga (curso semestral)
História da Filosofia Medieval (curso semestral)
História da Filosofia Moderna e Contemporânea (curso semestral)
Psicologia Experimental (cadeira anual)

Na segunda, conduzida pelo ministério de Gustavo Ramos, as Ciências Filosóficas regressam ao 6º Grupo, e para além das disciplinas de História da Filosofia já consagradas no projecto de 1918, acrescenta-se: "História da Filosofia em Portugal"; "Moral"; "Lógica e Metodologia", "Teoria do Conhecimento". A estas segue-se um elenco de disciplinas do âmbito da Psicologia: "Psicologia Experimental", "Psicologia Geral".

Para além deste 6º Grupo, a reforma de Gustavo Ramos criou o 7º Grupo, dedicado às Ciências Pedagógicas, destinado à formação de professores, onde para além da "História da Educação", "Pedagogia e Didáctica" e "Higiene Escolar", sobressaíam as disciplinas de "Psicologia Geral" e de "Psicologia Escolar e Medidas Mentais", o que permitia alargar o espaço de influência dos estudos de Psicologia, que criaram uma tradição de décadas na nossa Faculdade.

Mercê do impulso dos dois mestres citados, a Psicologia Experimental veio, pois, a fazer escola, encontrando na Lógica o outro pilar essencial do ensino da Filosofia tal como durante três décadas este foi entendido.

No caso concreto da Psicologia, a sua afirmação no *curriculum* da nossa Faculdade, no que à Filosofia se refere, encontra um momento decisivo com a criação, ainda sob a vigência do ministério de Gustavo Ramos, do Laboratório de Psicologia Experimental por que Mattos Romão se vinha batendo, praticamente desde a sua entrada para a docência na Faculdade de Letras, em 1912, em concurso célebre, ao qual se apresentara também Leonardo Coimbra, afastado por incompatibilidade com o júri.

Como aponta Mattos Romão² o interesse pelos estudos de Psicologia, na sua vertente experimental, despertara já durante a primeira década do nosso século em lentes do Curso Superior de Letras, com destaque para Francisco Adolfo Coelho e Joaquim António da Silva Cordeiro, cujo interesse pela obra de W. Wundt foi manifesta: "foi também esta a influência que nós recebemos e que nos orientou nos nossos estudos"³, reconhece Mattos Romão.

A este respeito revela-se do maior interesse a consulta do quadro dos trabalhos dos discentes, orientados por este professor e por ele reproduzido⁴.

2 Mattos Romão, "Alguns aspectos da evolução dos estudos filosóficos na Faculdade de Letras de Lisboa" in *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, 2º s., fasc. 8, 1942, p. 58.

3 *Ibid.*, p. 58.

4 *Ibid.*, p. 65-67.

Com o mesmo entusiasmo com que se entregara à Psicologia, procurou Mattos Romão reabilitar o ensino da Lógica, que em pluralidade de interesses e correntes tem já hoje uma tradição firmada na Faculdade de Letras, ligada também ao nome do Professor Doutor Vieira de Almeida, ao qual o Departamento dedicou recentemente um volume de homenagem⁵.

Após a saída de Mattos Romão, a escola por este criada encontrará continuidade na actividade do Professor Doutor Artur Moreira de Sá, nomeadamente no que se refere à Psicologia condutista. Igual interesse possui, pois, a lista de trabalhos de pesquisa, muitos deles constituindo teses de licenciatura, conduzidos sob a sua orientação e por ele publicada nas páginas da *Revista da Faculdade de Letras*⁶.

Todavia, a actividade de Moreira de Sá no seio da Faculdade estendeu-se muito para além daquele âmbito, desenvolvendo-se em planos que importa hoje, mais do que nunca, continuar. Referimo-nos não apenas à edição do *corpus* documental da Universidade: o *Chartularium Universitatis Portugalensis* e o *Auctarium Chartularii Universitatis Portugalensis*, como também à profícua actividade do Centro de Estudos de Psicologia e de História da Filosofia, por si dirigido, nomeadamente no que se refere à edição de textos fundamentais da filosofia portuguesa⁷, cuja importância para o ensino da Filosofia em Portugal é difícil de exagerar. Aliás, o interesse pelo pensamento filosófico português, que tanto ficou a dever a Moreira de Sá, encontrará um decisivo impulso em Francisco da Gama Caiiro, que, sucedendo-lhe, regeu até ao início da presente década a disciplina de História da Filosofia em Portugal, convertida em disciplina anual com a reforma de 1957 e posteriormente chamada Filosofia em Portugal. A sua acção esclarecida e persistente, dentro e fora da Faculdade, foi e continua a ser fundamental no campo da valorização, da pesquisa e da difusão da cultura filosófica portuguesa.

As décadas de 50 e 60 foram aliás marcadas pela acção de alguns docentes que importa naturalmente mencionar. Referimo-nos, sempre com risco de injusto esquecimento de outros, a Délio Nobre dos Santos e a Manuel Antunes.

O primeiro, difícil de catalogar, pela pluralidade de horizontes culturais que perseguiu, encontra no problema sempre presente da fundamentação da filosofia o tema nuclear da sua actividade pensante. No caso do Padre Manuel Antunes, a quem o Departamento de Filosofia dedicou recentemente um volume de home-

5 VV. AA., *Vieira de Almeida (1888-1988). Colóquio do Centenário*, Faculdade de Letras de Lisboa, Departamento de Filosofia, 1991.

6 Artur Moreira de Sá "Nótula sobre as dissertações de Psicologia apresentadas nos últimos 20 anos na Faculdade de Letras de Lisboa" in *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, 3^o s., 14, Lisboa, 1971, p. 49.

7 Para uma lista pormenorizada dos títulos editados, vide Francisco da Gama Caiiro, *Da Filosofia...*, op. cit., pp. 41-42.

nagem⁸, a marca do seu magistério ecoa ainda na nossa actividade, tanto através daqueles que o conheceram directamente, como pelos mais "recentes", que encontram nos seus textos o sempre gratificante encontro com a palavra. Marcantes foram as suas lições no âmbito da Ontologia, da História da Cultura Clássica, da História da Civilização Romana ou da Filosofia Antiga.

Uma palavra de destaque cabe certamente aos mestres estrangeiros que exerceram entre nós parte do seu magistério, nomeadamente a Oswaldo Market, cuja actividade foi decisiva, sobretudo pela atenção dedicada à obra de Kant e ao idealismo e romantismo alemães⁹.

Nas últimas três décadas, se existe aspecto marcante da orientação do ensino da Filosofia na Faculdade de Letras de Lisboa, pode dizer-se que ele se encontra no esforço de superação da ambiência de cultura geral vigente desde a criação do Curso Superior de Letras e da sua transformação em Faculdade de Letras de Lisboa. Essa orientação tinha já recebido os seus primeiros golpes com a vertente de especialização e de investigação nos domínios da Psicologia, iniciada com Mattos Romão e continuada por Moreira de Sá, fase entretanto superada com a autonomia da Psicologia no contexto universitário, a par do influxo conhecido pelos domínios da Metafísica e da Ontologia. Actualmente, a par de um *corpus* coerente de disciplinas da área da História da Filosofia, é patente a atenção perante os temas e problemas da filosofia contemporânea. Assim, com o intuito de assinalar convenientemente a passagem dos oitenta anos do ensino da Filosofia na Faculdade de Letras, prepara o Departamento em colaboração com a Biblioteca Central da Faculdade, uma exposição bibliográfica e documental, que procurará constituir-se numa mostra adequada do real valor, passado e presente, de todos quantos aqui exerceram e exercem a sua actividade docente.

Pedro Calafate

8 VV.AA., *Ao Encontro da Palavra. Homenagem a Manuel Antunes*, Faculdade de Letras de Lisboa, Departamento de Filosofia, 1986.

9 VV.AA., *Dinâmica do Pensar. Homenagem a Oswaldo Market*, Faculdade de Letras de Lisboa, Departamento de Filosofia, 1991